

O IDEÁRIO DE PATRICK GEDDES, O "PAI DO PLANEJAMENTO URBANO" (*)

Socióloga Mary Castr

Resumo: Este é um trabalho de reflexão teórica, cujas inferências para a prática social da atividade planejamento urbano são apenas sugeridas. Segundo o arquiteto urbanista Sigfried Giedion, é surpreendente como uma série de métodos de desenho urbanístico ("drawing board methods") de fins do século XIX e princípios do século XX ainda hoje é seguida literalmente, na área de planejamento urbano, como receituário. Patrick Geddes, nascido na Escócia em 1854 e cognominado nos meios europeus e norte americanos de "pai do planejamento urbano", seria um daqueles autores cujos trabalhos e concepções estariam vigentes, a exemplo da sua visão da cidade como contexto integrado, ainda que não explicitamente referido em muitos trabalhos que hoje tratam o urbano com perspectiva similar. No artigo, procura-se situar Geddes historicamente, bem como as influências da ciência nascente — a sociologia — e do pensamento positivista e socialista-utópico na sua obra.

1. Introdução

Por que o ideário de Patrick Geddes, um Autor classificado como "pai do planejamento urbano"⁽¹⁾, de fins do Século XIX? Em várias esferas do conhecimento e acontecer humano vem-se afirmando uma volta ao passado, como um reestudo do pensamento clássico⁽²⁾. De fato, no afã pragmatista por uma ciência

(*) Texto originalmente elaborado na COPPE/UFRJ-Curso de Pós-Graduação em Planejamento Urbano — Rio de Janeiro, 1975. A autora agradece as críticas feitas pelo Prof. A. Gemal.

(1) in Tyrwhitt, Jacqueline, 1972, p. 16.

(2) Althusser, por exemplo, enfatiza a necessidade de ler Marx em Marx, apontando uma série de apreensões deformadoras que se tem do marxismo, derivadas da divulgação marxista contemporânea. Ver Althusser, Louis e Balibar, Etienne — *Para Leer El Capital* — Ed. Siglo XXI, México, 1970.

em uso, recuperam-se teorias formuladas em um marco histórico peculiar, desprezando-se nesta recuperação as especificidades histórico-contextuais de vários constituintes daquelas teorias.

Nesta redescoberta dos clássicos, identifica-se outro condicionante: um certo descrédito quanto à ciência. O crescimento econômico teve seu ritmo ameaçado. A estrutura de valores dominantes da sociedade é questionada, principalmente pelas novas gerações, para as quais os compromissos com a civilização, com o processo de evolução do pensamento humano seriam termos de uma filosofia humanista liberal contradita pela prática social⁽³⁾.

Segundo Machado Neto⁽⁴⁾ a ciência é bastante antiga – ciência, como a define Granger, “uma forma sistematicamente organizada do pensamento” – porém sua afirmação se dá quando do surgimento da burguesia, que a descobrirá como possível “saber de dominação” sobre a natureza, como técnica de poder. Desta forma, quando muitos declararam que a própria burguesia estaria em cheque, as críticas são estendidas a seus instrumentos.

Mas, a ciência é também posta em dúvida, internamente, na ordem burguesa, quanto à técnica eficaz, quanto ao “poder de dominação”. E é nesta dúvida, como na crença difusa de sua possível salvação, que estaria a pergunta do intelectual: e onde erramos nós? O conhecimento clássico é revisto, quer como fonte de novas fórmulas de salvação, quer como solução em si, dentro da visão nostálgica de que no passado ficou o estado ótimo, ou como auto-análise do conhecimento científico, para melhor se detectar onde o erro.

Neste último aspecto, vê-se a validade da retomada dos clássicos. Mas, adverte-se, embora este tenha sido o estímulo geral à eleição do tema – o ideário de Patrick Geddes⁽⁵⁾ –, os resultados pouco correspondem à pretensão maior de análise do pensamento urbanístico quanto à identificação de onde os erros ou quais

(3) Não seriam, por exemplo, simples coincidência histórica a guerra do Vietnã e a propagação de movimentos tipo “hippismo”.

(4) Ver Machado Neto, A.L. – Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas, cit. in Castro, Mary, 1969.

(5) Segundo Giedion, é surpreendente como uma série de métodos de desenho urbanístico (‘drawing board methods’) de fins do séc. XIX e princípios do séc. XX ainda hoje é seguida literalmente, como receituário. Entre aqueles As. cujos métodos ditados seriam os mais perenes, estariam G. Howard (concepção da ‘cidade jardim’), Sant’Elia (cuja cidade futurística contemplaria uma série de soluções atuais de trânsito), P. Geddes (a visão da cidade como contexto integrado) e Arturo Soria y Mata (concepção da cidade linear) – ver Giedion, Sigfried, 1967.

os erros. Inclusive, porque os questionamentos, em termos epistemológicos, deveriam ser mais amplos, como: e quem errou foi a ciência? E o que é erro? A segunda advertência é que este foi um trabalho acadêmico, no hoje.

2. Maneiras de Pensar a Cidade

2.1. Princípios

Patrick Geddes (1854-1932) representa para os estudos urbanos um marco, uma mudança de atitude. Suas posições viriam diferenciar dois enfoques na análise da urbe: o urbanismo e o planejamento urbano. Choay categoriza o seu pensamento como o da “anthropopolis”, o planejamento humanista, marcando juntamente com alguns outros autores uma “crítica de segundo nível ao urbanismo”⁽⁶⁾.

Haveria uma era de estudos urbanísticos pré-Geddes (inclusive ainda hoje vigente), em que a cidade seria estudada e projetada de acordo com modelos pré-estabelecidos. Modelos estes de diferentes matrizes ideológicas, construídos por premissas ‘progressistas’ ou ‘culturalistas’⁽⁷⁾, mas que de comum teriam o processo de construção lógica do conhecimento, por abstrações racionalistas do seu idealizador, impregnando portanto de seus ‘juízos de valor’ sobre o que seria a cidade ideal. Com Geddes e discípulos, principalmente Lewis Mumford, a cidade é discutida em si, em sua interação com os homens que a habitam, no seu significado para estes. Ou seja, a realidade presente e, principalmente, a realidade histórica, uma vez que para Geddes o passado das cidades desempenha importante papel à sua compreensão e é recuperado no estudo das cidades e no seu planejamento⁽⁸⁾.

Para Geddes, o ponto de partida do processo de intervenção sobre o meio urbano seria a pesquisa sócio-econômica, e ao estudo do presente relacionaria a pesquisa historiográfica. Desta forma, não haveria um modelo de cidade futura, mas

(6) Choay, Françoise, 1965, p. 58.

(7) Choay classifica as distintas correntes do urbanismo em “progressistas” e “culturalistas”, distinguindo uma etapa pré-urbanística (dominada pelos modelos dos socialistas utópicos e pelas críticas dos “sem modelos”, Marx e Engels) e uma etapa propriamente urbanística (de soberania dos especialistas, enquanto a anterior seria matéria de “generalistas”, principalmente filósofos e políticos), também caracteriza os “culturalistas” por sua visão prática. Para a A., Geddes, contrariamente aos “progressistas”, para quem o moderno seria a ruptura com o passado, imagina a cidade numa continuidade evolutiva. Ainda segundo Choay, Geddes mais se aproxima dos “culturalistas” por sua trilha “antropológica descriptiva” e identificação da cidade por sua herança cultural. Mas ele não partilharia da visão nostálgica dos “culturalistas”, reconhecendo que presente e futuro têm identidades próprias. Sobre “culturalistas” e “progressistas”, ver Choay, Françoise, 1965.

(8) E.L. Mumford que principalmente viria a apelar a exemplos históricos, como o papel das áreas verdes nas cidades medievais – Choay, Françoise, 1965, p. 61.

várias cidades, já que, a depender da especificidade histórico-geográfica, cada uma teria um vir-a-ser, cabendo ao planejador bem-usar a intuição (por um sistema de valores próprios, acrescente-se) na intervenção deste vir-a-ser. Adverte-se que não se está afirmando que, através desta técnica de análise, a ênfase no empírico, estar-se-ia prevenindo a inserção de juízos de valor nos trabalhos científicos. Não, e os próprios princípios de Geddes, que serão discutidos criticamente mais adiante, trazem valorações claras. Porém, o mérito da metodologia proposta por Geddes é que esta permite a crítica destes valores. Segundo Myrdall, “as dificuldades se tornam particularmente perturbadoras em Ciências Sociais quando se confundem as teorias e modelos com as coisas concretas”⁽⁹⁾. Com o lógico processo indutivo a partir de bases empíricas declaradas, de formação do conhecimento sobre a cidade, aquela confusão de que fala Myrdall pode ser percebida e os valores “psicanalizados”, i.e., checados em relação à realidade pesquisada.

Outra importante contribuição de Geddes, que ilustraria a separação da visão urbanística tradicional daquela do planejamento urbano, seria seu entendimento da cidade como um “contexto global”. A cidade deixaria de ser “coisa de arquiteto”, o conjunto de edificações ou o aglomerado de “máquinas de habitar”, para integrar de forma orgânica uma série de aspectos sociológicos, geográficos, econômicos, históricos, demográficos... institucionaliza-se assim o enfoque interdisciplinar e, de maneira embrionária, a participação ampliada no plano⁽¹⁰⁾, princípios caros a correntes atuais do planejamento urbano. Sua frase sobre o especialista ficou famosa: “knowing more and more about less and less”⁽¹¹⁾.

2.2. Metodologia

De Frederick Le Play, sociólogo francês, apresentará a técnica de pesquisa monográfica. Esta técnica será por ele enfatizada como forma necessária de aproximação do urbanista à realidade, quando da realização do plano⁽¹²⁾.

(9) Myrdall, Gunnar – O valor em Teoria Social – cit. in Castro, Mary, 1969, p. 4.

(10) Geddes inclusive promoveu seminários de discussão sobre planos de cidades com a participação de outros que não os seus elaboradores.

(11) in Mumford, Lewis, 1972, p. 83

(12) Alguns autores, como Mumford, indicam a utilização de “surveys” por Geddes e Le Play. É necessário certo rigorismo técnico, no caso. O “survey” social pressupõe uma série de requisitos estatísticos. Le Play é conhecido no campo da sociologia como introdutor das técnicas de observação direta, hoje mais usadas na antropologia. Seus estudos sobre os trabalhadores europeus foram elaborados a partir de 300 monografias, cada uma relativa a uma família e com cerca de 50 páginas cada (Ver Le Play, F. “The European Workers”, in Riley, Matilda, 1963, pp. 80 a 95). Esta observação é pertinente face à discussão atual sobre a propriedade de cada uma destas técnicas (o “survey” e a observação participante) inclusive, e principalmente, nos estudos sobre o fato urbano.

Geddes realizou um pequeno levantamento de Edimburgo e mais tarde (1914-1924) empregou a técnica de monografias no planejamento de cerca de 50 cidades na Índia.

Da biologia guardará a noção de funcionalidade orgânica dos elementos, sua integração. Aliás, o paralelismo entre objeto biológico e objeto societal é comum no evolucionismo organicista corrente em fins do séc. XIX. Em Geddes, a influência desta corrente é clara, também através do constante uso dos princípios de evolução e progresso. Para ela a cidade seria um “organismo em evolução”.

A integração funcional do sistema urbano seria representada por ele, mais tarde, através de gráficos, sendo considerado como um precursor na aplicação desta técnica para problemas não-matemáticos, a qual viria mais tarde a ser aperfeiçoada na teoria do campo (K. Lewin) e na sociometria (J.L. Moreno)⁽¹³⁾.

Ficaram famosas algumas de suas técnicas, “máquinas de pensar”, como os ‘diagramas de quadrantes’.

Estes diagramas seriam as primeiras matrizes elaboradas para a análise urbana. Operando primeiro com as noções de ‘lugar, trabalho e pessoas’, tidas em Le Play como ‘três forças dominantes da sociedade’, estabelece, por análise combinatória, uma série de situações que configurariam uma maneira de ser da cidade⁽¹⁴⁾. Com estes elementos, assim, forma-se uma primeira matriz, e desta são derivadas uma segunda e uma terceira, que seriam instrumentos à maneira de pensar a cidade. Por fim ter-se-ia, derivada das antecedentes, uma quarta matriz, identificada como a maneira de intervir na cidade, o plano. O conjunto destas 4 matrizes seria uma de suas principais ‘máquinas de pensar’ o urbano.

Geddes introduz no estudo das cidades uma série de neologismos, sendo que o de maior vigência é “conurbação”. Originalmente, significaria o agrupamento de cidades de cerca de 10 a 20 milhões de pessoas, resultante do espraiamento de um núcleo. Hoje existem várias acepções particulares, inclusive não-concordantes sobre o termo.

3. Análise Crítica

É indiscutível que a contribuição de Geddes é fundamental na formação do conhecimento relativo ao planejamento urbano, mas o substrato ideológico de seus escritos deixa alguns flancos à crítica. A crítica às suas ‘máquinas de pensar’ e, em

(13) in Mumford, Lewis, 1974, p. 443.

(14) Adverte-se que tanto o significado de cada uma das combinações feitas com os elementos da primeira matriz, e.g., lugar/trabalho, como a interação entre cada uma das matrizes não são bem percebidas através da fonte consultada, que apresenta estes diagramas de forma sumária – ver Tyrwhitt, Jacqueline, 1972.

particular, aos diagramas de quadrantes antes apresentados, é menos quanto ao estabelecimento de cada uma das categorias que o integram e à armação em si, do que ao seu pretendido alcance. Segundo Tyrwhitt⁽¹⁵⁾, para Geddes aquelas 'máquinas de pensar' seriam um "expressivo instrumento para exprimir a evolução das cidades". O A. procederia assim a uma reificação conceitual, confundindo constituinte (no caso a técnica) com o constituído, mais abrangente (a ciência) e, mais, conferindo a uma técnica, vida.

Esta crítica é compartida por Choay ao trabalho de Geddes, ressaltando que, apesar da validade da metodologia de Geddes, a utilização da pesquisa sócio-ecônómica, por exemplo, não garantirá "as soluções". Como instrumento de análise, pode ter inclusive diversos usos e derivar em diversas conclusões, a depender das correntes que o utilizem⁽¹⁶⁾.

Outra crítica ao diagrama de Geddes é feita por Tyrwhitt, que a estende também ao quadro de Le Corbusier ('the C.I.A.M. grid'). Para esta A., uma limitação inerente a esta técnica seria que sua aplicação se limitaria a casos particulares, localizados, não permitindo a análise dinâmica ou entre elementos⁽¹⁷⁾.

Enquanto Choay ressalta a preocupação de Geddes por uma 'temporalidade concreta', alguns autores como Anne Buttiner⁽¹⁸⁾ e Fernando Ramón⁽¹⁹⁾ o categorizam como 'utopista', i.e., preso ao plano das idéias.

Buttiner, em suas referências a Geddes, deixa implícito um questionamento à 'sociologicidade' de seus escritos. Para ela, Geddes reduz a sociologia a um de seus instrumentos, a pesquisa direta, aproveitando-a portanto em escala mínima: "The sociological interests of town planners were, however, inspired largely by Geddes, Le Play and Howard. P. Geddes definition of sociology, which placed great emphasis on empirical investigation of social patterns, provided the conceptual framework for their own "survey" of towns and regions: they evidenced little

(15) Tyrwhitt, 1972, p. 19.

Segundo esta A. já Le Corbusier, que mais tarde também se utilizará de matrizes e quadros em seus estudos (inclusive com alguns elementos que lembram aqueles de Geddes – "recreação, trabalho, vida e transporte") seria mais realista, considerando este instrumental apenas "ferramenta de clarificação".

(16) Choay, Françoise, 1965.

(17) Tyrwhitt, 1972.

(18) Buttiner, Anne, s.d.

(19) Ramón, Fernando, 1967.

awareness or interest in any other potential contribution which sociological techniques could make to their works" (20).

É importante considerar que, como Geddes, também Le Play, quando utilizou seu método de observação para estudar as condições de vida dos trabalhadores europeus em 1879, o considera, de acordo com sua visão socialista-humanista, por uma perspectiva transformadora, além de seus limites de técnica auxiliar (21).

Relativiza-se assim a crítica de Buttiner a Geddes, segundo a qual este não haveria utilizado apenas um instrumental da sociologia, minimizando, assim, outras possíveis contribuições desta ciência, mas alinhando-se, de acordo com o que certas correntes dominantes entendiam, o que seria sociologia.

Já Ramón levanta outro tipo de crítica à ideologia urbanística de Geddes: sua apologia da técnica, como forma de "solução dos conflitos sociais". Esta personificação de conceitos, encontrada em Geddes, é também característica do pensamento positivista, cuja influência é grande neste A. A visão do poder da técnica, da evolução social (a constituição da ordem "neotécnica") pode ser visualizada através de seus escritos, como o que segue: "Bajo el orden paleotécnico, el trabajador dirigido como está igual que todos nosotros, por su educación tradicional hacia el salario monetario, en lugar de hacia el presupuesto vital (?) no ha tenido aun una casa adecuada... Pero cuando el orden neotécnico llegue, dirigidas sus capacidades en la vida como en todas las auténticas ciudades del pasado, aristo-democratizadas, en ciudadanos productivos, él, el trabajador, se pondrá a construir su vivienda y a planear la ciudad... todo ella a una escala semejante, si no superior a las glorias pasadas de la historia..." (22).

Também em seus escritos não se percebe a dimensão classe social (tão clara em outros escritores do seu tempo) e as coisas, no lugar dos homens, parecem fazer a história. Em um trecho fala na psicologia social da cidade, na 'filosofia da cidade', em outro "... los lujos desaforados y superfluos pueden incluso ser necesarios, psicologicamente por la situación a que la vida paleotécnica nos tiene sometidos" (23). Ou seja, não são os homens, certos grupos sociais que criam uma situação, mas a "vida paleotécnica". Em que pese a estas críticas, volta-se a ressaltar a importância da perspectiva histórica na compreensão do pensamento de Geddes.

(20) Buttiner, Anne, s.d., p. 149.

(21) "The method of observation of the European Workers has carefully traced the paths leading to reform, and hencewith those devoted to the truth will not be led astray..." Le Play, Frederick-The European Workers, cit. in Riley, Matild, 1963, p. 81.

(22) Geddes, Patrick – Evolución de las Ciudades, cit. in Ramón, Fernando, 1967, p. 63.

(23) Geddes, Patrick – op.cit., in Ramón, Fernando, 1967, p. 69.

Ramón o justifica, como socialista-utópico, crente de que valores universais seriam mais fortes que a contradição dos interesses dos grupos sociais, possibilitando a chegada de um estado ideal, mas não poupa seus discípulos, como Mumford, que, para ele, utilizaria os conceitos criados por Geddes e criaria outros tantos neologismos de uma forma abstrata⁽²⁴⁾.

O tipo de visão de mundo implícita em Geddes traz nitidamente rastros da ciência nascente, a sociologia, como o deslumbramento dos intelectuais de sua época pelas promessas da nova ordem, o capitalismo industrial.

Geddes foi aluno de T. Huxley, um dos diletos amigos de Augusto Comte. Como Comte, postula uma “lei do progresso”. Na metodologia de Geddes é corrente o uso de taxinomias que lembram a prática positivista de “concretização do conhecimento”. É do positivismo a ênfase na análise, no empiricismo⁽²⁵⁾ e, como Comte e Le Play, advoga a noção de “reforma”, embora não a explice.

O nascimento da sociologia como ciência se relaciona com os objetivos de pôr ordem nas coisas. Diz Machado Neto: a sociologia “nascida no mundo da Revolução Industrial e para resolver problemas específicos da prática deste mundo em crise, não se conformaria em ser apenas teoria”⁽²⁶⁾ e a ciência é convertida em técnica de ordenação do mundo.

Nesta perspectiva é que bem se avalia a contribuição de Geddes, representativa de avanço significativo face ao estágio vigente de compreensão da cidade, e por seu postulado de aproximação do planejador da coisa planejada, mas com limitações próprias àquelas das correntes ideológico-científicas que o influenciaram.

(24) “Geddes sabía muy bien lo que se decía, lo que pasa es que, socialista convencido, trata al mismo tiempo de convencerse a si mismo de que al socialismo (a su orden neotécnico) se podría llegar por el convencimiento universal, de que los nuevos recursos descubiertos por la técnica no serían otra vez despilfarrados a beneficio particular de los poderosos. Era um reformista. . .”. Ramón, Fernando, 1967, p.64.

(25) “The name positivism derives from the emphasis on the positive sciences, that is one tested and systematized experience rather than one undisciplined speculation” Kaplan, Abrahan, 1972, p. 389.

(26) Machado Neto, A.L. – Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas, cit. in Castro, Mary, 1969, p. 1.

O ideário de Geddes, a exemplo, sua concepção de planejamento urbano como caminho por uma sociedade mais igualitária, ou o planejamento como elemento provocador de mudanças neste sentido, sua ênfase no empiricismo e sofisticação metodológica no estudo da cidade, o planejamento como meta — linguagem — são hoje de extensa vigência. Mas seus seguidores se caracterizam menos pelo papel inovador, como Geddes, do que pelo exercício de uma ideologia conservadora não-declarada, funcional; não à perseguição daquele ideário, como é comumente racionalizada, porém ao provimento de um embasamento técnico-científico a coisas dispostas por outros meios e metas.

Abstract: The basic thrust of this study is a theoretical one as such its practical applications to the process of urban planning are merely suggested. According to the urban architect, Sigfried Giedion, it is indeed surprising that in the area of urban planning a set of drawing board methods developed during the end of the 19th and the beginning of the 20th centuries should still be accepted and routinely prescribed today. Patrick Geddes, born in Scotland in 1854, and generally recognized in both European and North American circles as the "father of urban planning", qualifies as one of those early planners whose work and whose ideas are still current. For example, his vision of the city as an integrated environment, while not always explicitly acknowledged, can be traced in many of today's studies, which adopt a similar urban perspective. This article attempts to place Geddes within his historical development and to identify the effects of both sociology — then a fledgeling science — as well as positivist and utopian socialist thought upon his work.

4. Bibliografia

- Buttimer, Anne. **Sociology and Planning** (xerox s.d.)
- Castro, Mary. Valores e Atividades Científicas. Universidade Católica de Salvador – Faculdade de Educação. Salvador, 1969 (mimeografado).
- Castro, Pedro. **Sociologia e Planejamento**. COPPE/UFRJ, Rio, 1973 (xerox).
- Choay, Françoise. **L'Urbanisme, Utopies et Réalités**. Ed. de Seuil, Paris, 1965.
- Giedion Sigfried. **Space, Time and Architecture – The Growth of a New Tradition**. Harvard, Univ. Press, Cambridge, 1967.
- Kaplan, Abrahan. **Positivism, in International Encyclopedia of the Social Sciences**. The Macmillan Pub., Londres, 1972.
- Mumford, Lewis, Patrick Geddes. **In Encyclopedia of Urban Planning**. McGraw-Hill Book Co, N. York, 1974.
- Mumford, Lewis, Patrick Geddes. **In International Encyclopedia of the Social Sciences**. The Macmillan Pub., Londres, 1972.
- Ramón, Fernando. **La Miseria de la Ideología Urbanística**. Ed. Ciéncia Nueva, Madri, 1967.
- Riley, Matild. **Sociological Research, a Case Approach**. Harcourt Brace, N. I., 1963.
- Tyrwhitt, Jacqueline & Bell, G. **Human Identity in the Urban Environment**. Penguin, 1972.

ANEXOS

1. Dados Biográficos

PATRICK GEDDES nasceu na Escócia (1854-1932). Seus estudos básicos são em Biologia, sendo que de forma autodidata apreende uma postura sociológica, em particular as técnicas de Frederick Le Play – a monografia social, que aplica no campo do planejamento urbano⁽¹⁾.

LEWIS MUMFORD, considerado um de seus principais discípulos, ressalta suas qualidades como professor, considerando que suas publicações não refletem bem a importância de seu pensamento, melhor transmitido oralmente. De seus trabalhos o mais conhecido é “*Cities in Evolution*” (1915).

A bibliografia consultada sobre Geddes se estende basicamente sobre sua contribuição metodológica ao planejamento urbano e, apenas em Mumford⁽²⁾ têm-se referências sobre suas realizações empíricas e participação profissional. Destacam-se:

1. **Ao nível acadêmico:** seu pioneirismo na organização do conhecimento sobre a cidade, através de seminários “de verão”, de natureza interdisciplinar, para discussão de temas relacionados ao planejamento urbano.
 - Professor de Botânica até 1919, conferencista em Sociologia, professor de Urbanismo, ‘Civics’ e Sociologia em Bombaim (1919-1924);
 - defensor da “Universidade Militante”, é considerado pioneiro na defesa do engajamento da Universidade em atividades aplicadas na área do planejamento urbano e regional, propugnando a criação do que seriam hoje centros de estudos e pesquisas urbanas, inclusive organizando um laboratório de estudos “Outlook Tower”, hoje um museu e centro de leituras;
 - com Victor Branford fundou a Sociedade Sociológica de Londres (1903).

(1) Fora do planejamento urbano, escreveu vários trabalhos, como, sobre sexologia, “*The evolution of sex*” e, na área da sociologia, “*Civics, as Applied Sociology*”.

(2) Mumford, Lewis, 1974.

2. **Em termos de ciência aplicada:** trabalhos de renovação urbana (favelas) obras de paisagismo urbano (praças, parques, e.g.) projetos de hospedarias para estudantes; o projeto do Jardim Zoológico de Edimburgo, relatórios e planos relativos a cidades na Índia e em Telavive e, para a Universidade de Jerusalém, plano de “Reabilitação Social e da Agricultura” de Chipre, etc.
3. **Vida Editorial:** Elaboração, em conjunto com Victor Branford, da coleção de trabalhos sobre planejamento “**Marking of the Future**”, fonte de uma série de idéias vigentes no período posterior à primeira guerra.

Dentro do planejamento urbano contemporâneo, são indicados como influenciados por suas idéias: Unwoin e Abercrombie (Inglaterra), Stern, Wright e Mac Kaye (EE.UU.), além de Lewis Mumford (EE.UU.).